



Morte nos Trilhos¹

Alexandre Gomes Gasparini²

Gustavo Guilherme da Matta Caetano LOPES³

Faculdade Internacional de Curitiba – Facinter, Curitiba, PR.

RESUMO

A reportagem fotográfica é ferramenta essencial na relação entre o povo e os meios de comunicação. Até mesmo nos veículos como a televisão que tem como ferramenta principal de informação o vídeo, na falta deste a fotografia jornalística pode ser usada para ilustrar e contextualizar a mensagem. Mesmo com toda a evolução tecnológica, a fotografia jornalística mantém sua importância e sua essencialidade em uma realidade cada vez mais visual e menos literária. Dois motivos podem justificar esta essencialidade da fotografia jornalística. A primeira é o incentivo que os meios de comunicação jornalísticos dão para que as pessoas enviem fotos, mesmo simples, de flagrantes. A segunda pode ser justificada por nós mesmos, imaginando que estivéssemos lendo uma notícia de nosso interesse sem e com uma imagem para ilustrá-la, e concluir qual delas nos chamaria mais a atenção.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; comunicação; fotografia jornalística; reportagem fotográfica.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho consiste em um flagrante em forma de fotografia, obtido durante um trajeto feito de bicicleta nas ciclovias da cidade de Curitiba. O objetivo neste dia era o de fazer entrevistas com diversos ciclistas que utilizam a bicicleta como meio de transporte diário. Na busca por estas entrevistas acabei me deparando com a cena da fotografia, uma senhora de 58 anos que havia sido atropelada pelo trem em uma curva onde nem o maquinista nem os pedestres têm boa visibilidade. Ao perceber o trem parando bruscamente achei estranho e logo percebi o que havia ocorrido. Com a máquina fotográfica na mochila, o primeiro impulso foi puxá-la e fotografar, mas decidi antes ligar para o resgate. Este é um conflito que deve ser comum entre os repórteres fotográficos que trabalham nas ruas atrás de flagrantes, ajudar ou fotografar? É claro que depende do momento, da situação, se você é o único no local, ou se a vítima no caso de pessoas ainda pode ser ajudada. Neste momento o fotógrafo tem que equilibrar

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, Categoria Jornalismo, Modalidade Fotografia Jornalística.

² Aluno Líder do trabalho e estudante do 4º período de jornalismo, e-mail: aggdrums@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Coordenador do curso de Comunicação Social, e-mail: glopes@facinter.br



o profissional com a sua ética pessoal. A questão ética, tão discutida no meio fotográfico, vem desde o início do fotojornalismo ocidental, por isso devemos , fazer um breve retorno ao surgimento do fotojornalismo.

A fotografia no início de seu desenvolvimento era intimamente ligada à pintura, mais especificamente de retratos, e como surgiu numa época influenciada pelo movimento renascentista, trazia consigo um “vício” de olhar deste movimento:

A herança renascentista vem da perspectiva linear de Euclides (matemático grego (séc. III a.C.) autor de o Postulado de Euclides), que fazia com que o mundo passasse a ser representado a partir de um único ponto de vista, fixo, ideal, perpendicular ao plano do quadro, induzindo o encontro das linhas paralelas em um ponto de fuga, ou seja, nos dando a representação tridimensional do mundo de forma idealizada, bela, em um espaço bidimensional, a tela.

(BRAUNE, p.11)

Este “vício” impedia o desenvolvimento e a independência da linguagem fotográfica. A época a pintura proporcionava status e os fotógrafos se utilizavam destes meios para também usufruir deste status, chegando ao ponto de negar a identidade de fotógrafo simplesmente, e utilizar a nomenclatura de fotógrafo pictorialista. Alguns destes fotógrafos perceberam as dificuldades técnicas da época em registrar com fidelidade a realidade, e neste momento começam as discussões e pensamentos que levariam a fotografia a criar sua própria linguagem, sua forma de mostrar a realidade. Esta independência da linguagem fotográfica foi influenciada pelas idéias de Kant⁴ fundamentada em uma autocrítica de dentro para fora, onde cada área do saber deveria estabelecer os seus próprios limites.

Os fotógrafos então começaram a se desenvolver através das necessidades que o novo mercado fotográfico independente propunha, e daí foram surgindo as várias vertentes da fotografia, entre elas a fotografia documental e o fotojornalismo ocidental. É fato que o fotojornalismo tendeu a sua vertente mais óbvia da época, ou seja, a realidade social, que sofria diversos contratempos e perturbações, e junto a isso surgiram diversas discussões sobre as formas e limites da exposição da realidade.

⁴ **Kant (Emanuel)** : filósofo alemão (1724-1804), autor da Crítica da Razão Pura, Crítica da Razão Prática e Crítica do Juízo e dos Fundamentos da Metafísica dos Costumes.



Neste ponto a fotografia passa a ser objeto contínuo de estudo por parte de estudiosos e principalmente por filósofos da época, que discutiam a questão da credibilidade passada em uma fotografia.

O grande acontecimento que fez deslanchar a profissão de repórter fotográfico foi a Primeira Guerra Mundial. Nesta as principais agências de notícias mundiais já enviaram equipes de fotógrafos para poder ilustrar suas notícias. Mas estas ainda não traziam muita credibilidade devido à falta de critérios nas publicações.

Foi neste período que surgiu o primeiro grande fotojornalista que era alemão chamado Erich Solomon⁵ que se destacou por utilizar câmeras pequenas e com obturadores que faziam pouco ruído. Também usava técnicas que influenciam até hoje o fotojornalismo como: esconder a câmera na roupa, usar de persuasão para ingressar em eventos oficiais e até esconder a câmera em uma bíblia para fotografar um importante cardeal falecido. Solomom lançou um livro sobre a profissão e o dia a dia do fotojornalista, e nele fez uma das primeiras definições deste trabalho (1931), retiradas aqui do livro de Jorge Pedro Souza (2000 – pág. 78):

A atividade de um fotógrafo de imprensa é uma luta contínua pela sua imagem. Tal como o caçador que está obcecado péla sua paixão de caçar, também o fotógrafo está obcecado pela fotografia única que quer obter. É preciso lutar contra a administração, os empregados, a polícia, os guardas. É preciso apanhá-las (as pessoas) no momento preciso em que elas estão imóveis. Antes de tudo mais, um repórter fotográfico tem que ter uma paciência infinita, e não se enervar nunca; deve estar ao corrente dos acontecimentos, e saber a tempo e horas onde é que irão desenrolar-se. Se necessário, devemos servir-nos de toda a espécie de astúcias, mesmo se elas nem sempre são bem sucedidas.

Só nos anos sessenta as pessoas começam a habituar-se à realidade mundial, através do crescimento e rapidez da imprensa fato denominado de “Aldeia Planetária” por McLuhan⁶. Com o crescimento da imprensa cresceu também a idéia de sensacionalismo que logo se fortificou devido à “guerra” travada entre os meios de comunicação para na busca pelo furo. Desde então curiosamente as fotografias que causaram e causam mais impacto emocional e também as mais premiadas, são as que retratam a violência, a morte também a fome, violentadores da condição humana.

⁵ Solomon (**Enrich**): fotojornalista alemão (1896-1944).

⁶ McLuhan (**Herbert Marshal**): filósofo canadense (1911-1980).

Mas voltando à questão inicial, como podemos imaginar o que ocorre na mente de um fotógrafo em início de carreira ainda sem experiência quando se depara com o momento crucial (como o da imagem tema deste artigo), momento este que pode não se adequar às crenças do ser humano fotógrafo? No livro *Filosofia da caixa preta* de Vilém Flusser⁷ temos uma boa explicação:

Toda vez que o fotógrafo se depara com uma nova categoria fotográfica, hesita, porque descobre que há outros pontos de vista disponíveis no programa. Esta descobrindo a equivalência de todos os pontos de vista programados, em relação à cena produzida. O fotógrafo hesita porque está descobrindo que seu gesto de caçar é movimento de escolha entre pontos de vista equivalentes, e o que vale não é determinado ponto de vista, mas um número máximo de pontos de vista. Este tipo de dúvida pode ser chamado de fenomenológico porque cerca o fenômeno (cena a ser fotografada) a partir de um máximo de aspectos. Finalmente no ato fotográfico uma decisão última é tomada: apertar o gatilho (assim como o presidente americano aperta o botão vermelho). De fato o gesto do fotógrafo é menos catastrófico. Mas é decisivo.

Certamente com repórteres fotográficos experientes também ocorre algum conflito interno dependendo é claro da dramaticidade da cena. Mas a experiência e o foco profissional se sobrepõem e o conflito emocional fica para um momento posterior. Engana-se quem possa pensar que como consequência da rotina do fotógrafo repórter, possa vir uma frieza ou ausência de sentimentos de dor, compaixão e solidariedade. O que acontece é a ânsia compulsiva em divulgar aquela imagem, aquela realidade que no momento da produção da imagem, só ele tem que suportar. Estamos falando aqui de fotojornalistas que atuam principalmente na área de conflitos mundiais, e até mesmo mostrando o lado obscuro das grandes cidades. A seguir exponho dois exemplos bastante conhecidos de duas fotografias que geraram enorme polêmica, foram muito premiadas e no caso da primeira teve consequências desesperadas por parte de seu autor, que se suicidou um ano depois devido a grande pressão psicológica e as repercussões sobre a imagem. Não vou descrever aqui a imagem. Ficará como reflexão para cada um, que é a proposta deste artigo. A foto é do repórter fotográfico Sul-Africano Kevin Carter(1961-1994):

⁷ Flusser (**Vilém**): alemão (1983, p.20).



Esta foto ainda é motivo de discussões e reflexões devido a viceralidade da mensagem, e Kevin Carter apesar de ter sido premiado por esta foto, também foi acusado de não fazer nada para ajudar a criança. Chegou a dizer em entrevista que odiava a foto. A fotografia quando é vista pelo público torna-se desvinculada do momento em que foi feita. Nesse caso, não se pensa que foi um flagrante feito pelo fotógrafo de forma cruel e insensível, mas a imagem tem um discurso tão forte que ela fala por si mesma, independente do que o fotógrafo possa alegar sobre o momento em que ela foi feita.

A segunda imagem um pouco mais recente é de 2001 de autoria do Repórter fotográfico da agência Magnum Thomas Hoepke e foi feita no dia dos ataques ao World Trade Center, mostrando um grupo de jovens no outro lado da ilha de Manhatam conversando em meio a um jardim enquanto uma nuvem negra cobre o céu da cidade:





A foto e ainda é motivo de diversos artigos e discussões sobre o papel do fotojornalista. Thomas Hoepke comenta a foto em entrevista concedida à revista *Fotografe Melhor* (edição 146, p.51), dizendo que “é interessante as diferentes leituras que se pode fazer a partir de uma única foto. Como ela pode ser entendida de maneiras tão díspares”.

Tenho que registrar também uma frase de Henri Cartier-Bresson, famoso fotógrafo francês sobre o peso da foto jornalística e a responsabilidade do fotógrafo. (*Revista Fotografe Melhor* edição 21, p.35), “Não se pode organizar a realidade. Sem chance”. Bresson quer dizer que para o repórter fotográfico ao abordar um assunto da problemática do cotidiano, não existe a possibilidade de “manipular” a cena para que pareça mais branda ou mais real. A fotografia Jornalística se difere das outras categorias pelo seu grau de realidade e veracidade, diferente das outras linguagens fotográficas que procuram outros sentidos e outros objetivos com as imagens.

2. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é direcionar a atenção dos comunicadores sociais, sobre a importância que a fotografia jornalística tem na transmissão da mensagem, como complemento a um texto ou mesmo sozinha, em sua pura essência, independente do grau de intensidade de seu conteúdo. Chamo a atenção aqui especialmente à fotografias denominadas de spot news, caracterizadas assim por Shiela Reaves⁸ (1995, p.708):

As spot news são definidas como fotografias não planejadas de acontecimentos (imprevistos); neste caso, a intervenção dos fotojornalistas praticamente reduz-se a focar a cena: a sua cultura e a sua presença far-se-iam sentir-se em menor escala no ato fotográfico. A qualidade técnica das spot news é frequentemente pouco importante quando são avaliadas em concursos. O aspecto “bruto” da imagem até pode funcionar para o observador como idéia de que o fotógrafo não teve tempo para refletir e compor. As spot news são, assim, associadas à oportunidade, no sentido em que são tiradas no momento exato antes que a situação se desvaneça.

Pretendo dar destaque também a importância do profissional repórter fotográfico, que em sua busca diária não mede esforços para obter a imagem, documento mais fiel da realidade, em um trabalho solitário e silencioso.

⁸ Reaves (**Shiela**): americana (1995), professora de comunicação e manipulação de imagens na universidade de Wisconsin-Madison nos Estados Unidos .

3. JUSTIFICATIVA

Decidi abordar o tema da reportagem fotográfica, no momento em que me deparei com a situação em que este profissional se depara diariamente. Sou fotógrafo e esta é minha profissão. Embora trabalhe em outras vertentes da fotografia, ao presenciar a cena da fotografia tema deste trabalho, pude experimentar o conflito interno e pessoal que o Repórter fotográfico sofre em sua rotina na maioria das vezes estressante devido a atual velocidade com que as informações devem ser passadas pelos meios de comunicação como descreve Jorge Pedro Souza (2000, p.228):

À velocidade liga-se uma estética da desapareição, que se revela predominantemente nos novos “prazos da validade”(extremamente curtos) da imagem fotojornalística, sobretudo no caso das agências noticiosas, dos jornais e das revistas, e que se joga num fotojornalismo cada vez mais (falsamente) performativo, ligado ao consumo imediato de uma imagem “meramente ilustrativa” que raramente deixa rastro ou memória.



Foto tirada por mim, escolhida para o desenvolvimento do paper.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No caso desta imagem, os métodos não podem ser caracterizados com precisão pois trata-se da imagem de um flagrante. Neste caso me aproprio de algumas palavras de Shiela Reaves estudiosa da comunicação, já expostas no item objetivo, com um trecho de seu livro, classificando esta situação como uma “spot news” (fotografias não planejadas de acontecimentos (imprevistos); neste caso, a intervenção dos fotojornalistas praticamente reduz-se a focar a cena).

Quanto à técnica, foi utilizada uma câmera amadora (modelo canon Power Shot S2IS) de 5 megapixel, que levo sempre à tira colo devido seu tamanho e funcionalidade. A imagem foi feita com velocidade de obturador 1/125 s, abertura do diafragma f/4, comprimento focal de 72mm e sensibilidade (ISO) 200.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A caminho de busca de informações para um trabalho acadêmico que também utilizaria fotos, e que seriam feitas por mim mesmo, cruzei com um trem de carga cujo trajeto corta a cidade de Curitiba, e percebi que o mesmo efetuou uma parada brusca, provocando inclusive um barulho muito forte. Parei por um momento e resolvi voltar por curiosidade, e ao chegar próximo à máquina principal percebi que havia algo embaixo das primeiras rodas do trem. Em um momento destes nossa primeira reação psicológica é racionalizar. Imaginei ser algum animal, mas logo reparei estampas de roupas e tive certeza de que se tratava de uma pessoa. Minha primeira reação foi a lembrança de que estava com a câmera na mochila e podia fotografar, mas em um segundo momento peguei meu telefone celular e liguei para o resgate. Por se tratar de um trecho dentro da cidade, logo se acumularam diversos moradores da região. Puxei então a câmera e comecei a fotografar, e a cada clique me sentia mais insensível, mas mesmo assim algo me impulsionava a continuar fotografando. Este sentimento não me saiu do pensamento até hoje, e foi em busca de algumas explicações que resolvi produzir este artigo.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho teórico, tive a oportunidade de pesquisar, ler e conhecer muitos autores, trabalhos de fotojornalistas do mundo todo, o que me abriu horizontes sobre a profissão de repórter fotográfico. Pude entender melhor o sentimento intenso que tive na produção da foto tema deste artigo. Estou cursando o 4º período de jornalismo, e esta pesquisa foi intensamente compensadora, para o decorrer de meu curso e para minha vida profissional como fotojornalista.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, J, P. Uma **História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Santa Catarina: Ed. Grifos 2000.

SOLOMON, E. **Contemporâneos célebres fotografados em momentos inesperados (1931). Trecho integrante do livro Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Santa Catarina: Souza, J, P. Ed. Grifos 2000.

DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico**. 4º edição. São Paulo: Ed. Papyrus, 1993.

BRAUNE, Fernando. **O surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

Flusser, V. **Filosofia da Caixa Preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo, 1985. Ed Hucitec.

Revista Fotografe Melhor. **Os Olhos e o Coração de Thomas Hoepker**. Edição 146, p. 48.

Revista Photo Magazine. **O Pensamento de Cartier-Bresson**. Edição 24, p.35.

ANEXO I

Fotos da seqüência dos fatos

